

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

Agna Tavares

Os Demônios da Fazenda da Rosa

realização

 **RESSONÂNCIA
PRETA**

apoio

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO


**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL


**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

**LEI
ALDIR
BLANC**
de incentivo cultural
CEARÁ

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual
da Cultura, através do Fundo Estadual da
Cultura, com recursos provenientes da Lei
Federal, n.º 13.017, de 29 de junho de 2024.

Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fideles

Capa: Jason Felipe

OS DEMÔNIOS DA FAZENDA ROSA

Agna Tavares

Amara sentia o frio percorrer seu corpo e olhou para uma das barras vermelho vivo do termostato despencando aos poucos em sua caixinha na parede, mesmo que o outro termostato indicasse estar 30°C a menos de 10 metros de si. Afastando-se enquanto friccionava os próprios braços para se aquecer, repassava em sua cabeça quando fora chamada dois dias antes à Fazenda Rosa, um dos poucos provedores de alimentação da Ala Leste. A região outrora era o destino perfeito para uma viagem de férias, mas hoje acolhia tudo o que restou do país.

A Fazenda Rosa, totalmente produzida pelos antigos moradores de Xibure, antes chamado de Ceará, possuía toda sorte de espécies geneticamente modificadas para suportar e se propagar na luz artificial, baixa disponibilidade de água e de nutrientes. As fazendas nordestinas eram tudo que restou em uma realidade que a Terra utilizou o clima para revidar anos de judiação das gerações passadas, transformando chuva nos tornados que assolavam a Ala Sul e o sol num inimigo distinto, queimando todo pé de planta que ousava despontar do chão.

A Fazenda Rosa era uma construção notável, com mais de 40 andares de um silo reformado brotando do chão como as plantas que acolhia. Com a impossibilidade de plantações convencionais, todo tipo de vegetação passou a ser propagado naqueles andares, em suas máquinas similares a gigantescos aquários. Mesmo que não tivesse muitos vizinhos, seus LEDs rosados podiam ser avistados a quilômetros de distância por olhos atentos.

Quando Amara chegou, a queixa da preocupada curadora do local foi que tudo começou com pequenas batidas nas máquinas. Apesar dos esforços dos sudestinos da manutenção, LEDs piscavam, a osmose parava e os termostatos pifavam. Mesmo que o ambiente fosse controlado, as máquinas só podiam diminuir a temperatura até os 20°C. Porém, ambientes a 5°C ou mesmo 0°C, como ela mesma vivenciava naquele momento, tornaram-se comuns de ocorrer.

Mesmo depois de meses de problemas não solucionados, a sugestão de "forças malignas" surgiu acompanhada pela incredulidade dos funcionários. Depois de verem tanto em vida, o ceticismo em qualquer coisa além do presente começou a vingar. Mesmo assim, cada vez menos funcionários frequentavam a fazenda e se voluntariavam para as rondas de manutenção.

Provavelmente defeitos sistêmicos, necessidade de substituição, vida útil programada, qualquer coisa seria uma resposta assertiva. Assim, uma das poucas na região que detinha o título de engenheira foi recrutada da capital interiorana para o litoral, servindo como último recurso dos desafortunados funcionários. Naturalmente também não acreditou nos boatos, nem mesmo quando todos se recusaram, com sorrisos forçados e nervosos, a acompanhá-la na averiguação do local.

Somente depois de um dia e meio, poucas horas atrás, que alguns funcionários ansiosos chegaram ao local para averiguar como a jovem estava. *Que bom, ainda está viva*, ouviu um jovem magrelo cochichar para outro. Recebeu essas palavras com estranhamento e acabou recordando da sua noite anterior no silo.

Como um pequeno filme, lembrou-se do seu sentimento no pequeno recinto com uma rede de dormir, na qual ela estava deitada. Quase pôde reviver a sensação de uma presença sólida e fúnebre atravessando um dos poucos locais de repouso que se tornou sua instalação temporária. Chuva era um fenômeno raro nessas bandas, mas o vento ricocheteava com força nas janelas e a impedia que dormisse. Sentada na rede enquanto bebia água, teve a incômoda sensação de que as ras estavam se movendo... e a observando.

Olhando para os lados a cada minuto, os funcionários saíram tão depressa quando puderam ao primeiro sinal do pôr do sol, pouco mais de uma hora atrás. Afastando-se do termostato friorento da Sala de Sobioenergia, foi em direção a Sala de Controle de Sensores e ouviu passadas desritmadas na direção que estava indo.

Será que alguém resolveu ficar?, pensou. Esperava que sim. Nunca teve motivos para temer algo além da fome, da guerra ou do possível câncer de

pele causado pelo sol de Xibure, mas sentia que um novo tipo de temor crescia dentro de si: medo do desconhecido.

Resolveu apressar o passo para alcançar quem quer que fosse, aproveitando para tirar dúvidas sobre as biocélulas fotovoltaicas que geram energia para o silo e, quem sabe, ter um pouco mais de companhia. Poderia até convidar algum deles para compartilhar a noite, se pudessem. O quarto era amplo, haviam muitos armadores de rede e a noite era longa para uma conversa, caso não conseguissem dormir. Porém, nunca se arrependeu tanto de desejar algo.

Em vez de funcionários em macacões de brim, o que encontrou quando chegou na porta da sala foi tão inesperado quanto medonho: cerca de 30 criaturas cinzentas e magérrimas, de faces indistintas, lisas e tenebrosas que olhavam para o andar de baixo e se viraram em unísono quando ela chegou. A princípio não teve reação alguma. Quem sabe sua cabeça insone ou os próprios funcionários não estariam lhe pregando uma peça? Involuntariamente emitiu um grito, tão estranho aos próprios ouvidos que parecia vir de uma terceira pessoa. As criaturas não esboçaram reação alguma, exceto andar na direção dela.

Percebendo que aquilo era mais que real, reuniu o esforço que podia para criar coragem e correr, descendo sem tropeçar a extensa escadaria do espaço vertical, rezando para santos e orixás para que a luz do dia despontasse em breve, talvez na esperança que aquilo fizesse parte de algum pesadelo sinistro. Tinha consciência do enorme barulho que fazia nas escadarias metálicas e esperava que isso, de alguma forma, não atraísse ainda mais a atenção daquelas coisas.

Desceu o que parecia ser um número infinito de escadas, como se chegasse sempre ao mesmo andar. Arfando e com os músculos queimando pelo esforço, sabia que não conseguiria mais descer um degrau sequer, então projetou-se para uma sala com um título ilegível pela sua visão embaçada de medo.

Ainda tentando entender o que havia acabado de ver, viu e ouviu uma nova balbúrdia que ocorria porta afora, denunciada por uma janela ao seu

lado. Mais criaturas passavam e passavam, como uma procissão disforme organizada pelo próprio demônio. Apesar de estar com a plena consciência de que cada célula do seu corpo desejava correr, estava paralisada naquela antessala de acesso. De repente, não era mais o seu reflexo e a procissão que enxergava, e sim uma mulher lhe encarando com aparência cadavérica, com pedaços de pele soltos, vestida em trapos e segurando algo fora de vista de forma potencialmente ameaçadora.

Os olhos de Amara foram os únicos que responderam àquela cena grotesca: se arregalaram de forma que poderiam sair das órbitas a qualquer momento. Chegou ao limite quando a pesada porta, com um rangido penoso, começou a abrir sem que ninguém a tocasse. Mesmo consciente da inutilidade de suas ações, ela teve ímpeto de ganhar alguma distância indo para a sala ao lado, onde o verde escuro e o marrom de plantas podres esparramadas sob as luzes rosadas lhe confundiam os sentidos. Com tantas hortaliças mortas pela problemática do maquinário, o cenário era de devastação. Misturado ao futum das plantas, a cena reconstituía com precisão um cemitério de covas abertas, aguardando que Amara fosse se juntar a elas.

O local era enorme, mas calculou que com alguma energia extra nos músculos conseguiria se afastar o suficiente até chegar às saídas de emergência. Tentar descer e encontrar a saída parecia uma tarefa inútil, mas não podia deixar de tentar. Quem sabe se chegasse ao lado de fora conseguiria apertar o botão de emergência do silo, que avisaria a todos os arredores que ela estava em apuros?

Se fortalecendo com esse pensamento, sem nunca deixar de olhar para trás, levou seus músculos cansados ao limite enquanto rodeava alfaces, se desvencilhava de hortelãs e manjericões com catingas terríveis e pulava criadouros mais baixos, mas algo interrompeu abruptamente seu trajeto. Esbarrou e caiu em frente ao que parecia uma porta de madeira, mas para seu horror era a criatura com a pele descolando, que no impacto deixou cair o que tinha em mãos: uma versão horripilante do que talvez, em algum momento, tivesse sido um bebê.

A pequena criatura soltou um grito seguido por um choro esganiçado, que despertou os sentidos da mulher em pé. Apesar de não poder ver seu rosto, conseguia sentir sua aura de fúria se formando no recinto. As luzes róseas iniciaram um ciclo intermitente de piscadas, o que aumentava o desespero de Amara cada vez mais. Se afastou como pôde, de quatro, consciente de todos os movimentos do vulto que havia se abaixado para pegar o bebê nos braços. Nesse momento, todas as luzes se apagaram.

Apenas o silvo intermitente das máquinas a deixava consciente de que ainda estava na fazenda. Com as pupilas dilatadas e sem conseguir enxergar nenhum equipamento, nenhum demônio e nem mesmo seu próprio nariz, não conseguiu conter algumas lágrimas de medo insistentes. Sentiu-se tola, mas o terror era justificado: havia perdido completamente a noção de espaço e não sabia mais em qual direção ficava a saída. O barulho dos equipamentos diminuiu gradualmente, até que silenciaram mortalmente naquela sala. Era como se o mundo inteiro estivesse suspenso no ar. Só conseguia ouvir os pulos do seu coração acelerado no peito e das outras máquinas ainda em funcionamento à distância. Arriscou levantar e dar alguns passos em direção a qualquer lugar, esperando encontrar a saída.

Uma das religiões que costumava estudar não falava sobre distinção entre bem e mal, mas a outra era totalmente dedicada a isso. Ela falava de criaturas vindas quase do centro da Terra, de um local que os antigos costumavam chamar de Inferno. O líder da sua comunidade, nas noites de comunhão da capital Crato, discordava piamente. *O inferno está entre nós*, costumava dizer. *É ele o que hoje chamamos de lar*. Nunca, até hoje, tinha levado a sério as palavras do velho. Mas enquanto andava na esperança da saída, ouvindo apenas os próprios passos e respiração, mergulhada numa escuridão com olhos, nunca teve tanta certeza da sabedoria dele.

Sentiu que estava perto da estrutura sólida que compunha o material das paredes e começou a tatear na esperança de encontrar o trinco horizontal das portas herméticas. Nunca foi de rezar, mas há situações como essas que exigem medidas desesperadas. Com um sorriso lânguido, sentiu a alça fria e retangular da porta e, sem perder tempo, abriu, empurrou e a fechou atrás de si.

Junto a breve sensação de alívio, sentiu um arrepio quando olhou para o lado oposto do corredor. Havia uma criança pequena olhando de volta, vestida em algo que parecia ser uma fralda de material desconhecido. Também tinha um rosto sem forma, mas de algum modo sua face denota um pequeno sorriso se formando. Ambos ficaram em transe naquela dança que não saía do lugar, como se cada um tentasse adivinhar os pensamentos do outro. Resetou o corpo quando a criatura deu a iniciativa do primeiro passo e começou a correr de um jeito travesso. Amara não perdeu tempo e seguiu correndo apressadamente para o corredor à sua esquerda.

Se sentia exausta – sua musculatura toda rija, a cabeça latejando e desestabilizada mentalmente. Mesmo que tivesse aquele gosto metálico causado pelo intenso retratamento e dessalinização, nunca quis tanto um gole de água. Mas além da placa de identificação do andar, o 25º, algo no seu inconsciente dizia que aquele pesadelo estava longe de chegar ao fim.

Chegando ao final do corredor, virou à esquerda novamente, passando entre a sala que havia acabado de deixar e o setor de raízes comestíveis, e seguiu adiante olhando para todos os lados, especialmente para trás. Entrou em outro corredor à frente, para longe dos passos que ouvia no lado direito, e encontrou mais uma escada. Dessa vez desceu ainda mais cuidadosamente, com medo de qualquer ruído atípico despertasse a atenção de volta para si. Desceu até o 24º andar, 23º, 22º... E estranhamente, cada vez que descia, parecia aumentar ainda mais a opressão que sentia em torno de si.

Já completamente exaurida, parou para respirar no 16º andar. Talvez o sentimento estranho fosse só um reflexo da experiência terrível que estava vivenciando, somada à ansiedade latente em sair do local. Talvez o perigo tivesse realmente ficado nos andares superiores, junto com seus poucos pertences e as máquinas quebradas. Lembrou dos funcionários e de sua superstição disfarçada de incredulidade, e que num ato quase cruel a haviam deixado sozinha com pesadelos alheios.

Me deixaram sozinha com os demônios deles. Me tiraram de casa para morrer aqui. Toda sua fadiga se transformou em raiva, a qual usou de combustível para descer mais e mais andares, desta vez sem se importar

com o barulho das escadarias sob seus pés. Seu corpo era uma bala, atravessando mais e mais andares impulsionados pela vontade de desferir certamente um golpe de capoeira em cada um dos funcionários que a visitou e não a alertou do perigo iminente.

Quase sem perceber a extensão que já havia percorrido, se viu diante do enorme portão de carga e descarga, que se localizava exatamente onde ela se lembrava, do outro lado do silo. Próximo à saída, um imenso botão vermelho vivo dentro de uma caixa transparente. Sorriu resignada, atravessando o enorme pátio pintado de rosa pelas luzes do local. O sorriso, porém, sumiu da sua face na mesma velocidade que veio. Estreitando os olhos com o cenho franzido finalmente conseguiu ver bem o local: havia sombras demais. Era certo que a luz rosa choque não chegava a todos os lugares, distribuindo pontos escuros irregulares em diversas partes do recinto, mas sem dúvida havia mais sombras do que objetos no local.

Estremeceu ao ver que, assim como na noite anterior, as sombras lhe encararam e iniciaram uma caminhada funesta em sua direção. Começou a ser cercada, aos poucos, por uma multidão errante de sombras escuras, que se acinzentam à medida que aproximavam-se da moça.

As luzes dos LEDs se misturavam de forma quase artística à sua pele e cabelos fartos e cacheados, o que contrastava de forma cômica com a máscara de horror em seu rosto. Não sabia mais o que fazer. Queria se agachar e ficar com os braços ao redor da cabeça até... até o quê? Provavelmente a sua morte, em que se juntaria àquelas almas errantes para atormentar os poucos visitantes do silo da Fortaleza de Xibure.

Não... Não queria isso. Sentiu inesperadamente um rompante de ânsia pela vida. Não iria morrer lá, naquele lugar frio e distante de casa, tendo ainda seus pais em sua terra natal e tanta vida para viver. Com a esperança instintiva, superou seus limites de medo, repulsa e angústia para atravessar aquele mar cadavérico e foi se impelindo para frente, afastando os corpos secos ou os demônios materializados em direção a saída.

Sufocando pelo esforço, conseguiu sair do círculo. Chegou se arrastando até a caixa com o botão vermelho, quebrando-a com as forças

que lhe restaram. Ao apertá-lo, um zumbido estridente se irrompeu na Fazenda Rosa, substituindo suas cores características por um vermelho sangue que piscava no ritmo do alarme.

Percebeu que não eram apenas as novas luzes que pintavam sua pele negra. Com a visão turvas, enquadrou seus braços, barriga, pernas, percebeu que estava toda suja e arranhada, com cortes pequenos e médios que abriram sua pele rachada. Não sentia dor. Apenas uma dormência latejante, que se estendia em todos os sentidos.

Como envolta por uma aura estranha, se levantou e apertou o botão da grande porta de carga e descarga, que abriu vagarosamente com uma zoadada alta e intermitente, sobrepondo até o alarme. Andou como num sonho, atravessando os poucos metros que restavam em direção a sua liberdade.

Sem conseguir se conter, deu uma última olhada para trás. Como na última vez, se arrependeu imediatamente. Não havia mais multidões errantes de fantasmas preenchendo a ampla saída, mas sobrara o pequeno garotinho sem rosto, que passou uma mão na cabeça careca e, com a outra, empurrou Amara com força para o lado de fora, que sentiu seu corpo pesado, como em um experimento sobre gravidade, rolando escada abaixo.

-x-

Nada naquela noite bizarra havia lhe preparado para o que estava vendo. Abriu os olhos com dificuldade, tentando evitar os insistentes raios de luz que penetravam na sua visão. O clima estava ameno, ameno demais... Colocando a mão no chão para se apoiar e levantar, sentiu o chão pontudo e endurecido.

Olhou assustada ao redor e não conseguiu reconhecer nada. Um enorme gramado irregular se estendia com diversos pontos de terra irrompendo o caminho amarronzado. Plantas de diversos tipos e tamanhos enormes, mais de 1,6 metros, se destacavam no seu olhar. O cheiro era igualmente estranho. Uma mistura do cheiro doce e pungente com um cheiro proeminente de morte, de coisa apodrecida e suja. Nem precisou procurar muito para identificar a fonte.

Atrás de si, além de restos de alguma comida acastanhada, amontoados em grupos de 4, jaziam diversos corpos de diferentes tamanhos e formas. Homens, mulheres e crianças desfalecidos, em posições estranhas, servindo de poleiro e fonte de alimento para diversas aves, como urubus e carcarás. Também havia uma cova meio rasa aberta, na qual alguns homens estavam inseridos cuidadosamente ajoelhados uns atrás dos outros.

Engulhou e levou a mão à boca para conter o vômito iminente. Buscando em desespero qualquer sinal de civilização que lhe desse um sinal do que estava acontecendo, não encontrou um local conhecido sequer. Nada dos guetos organizados à distância, das casas a um quilômetro do silo, do asfaltech ou de qualquer sinal de que ainda estava em Fortaleza de Xibure.

Nem mesmo o próprio silo estava lá. À distância, conseguia observar algumas estruturas precárias feitas com material que ela não conhecia, como se fosse alguma árvore cortada com folhas e algum material inorgânico amontoadado cobrindo-a. Várias casas do tipo dividiam o terreno até perder a vista. No meio, uma enorme construção retangular muito bem feita e até bonita, com telhado vermelho e paredes amareladas.

Consciente de que queria se distanciar o máximo possível daquele cemitério maldito, aproveitou que o sol já mudava de lugar para olhar ao redor e se pôr a andar. Não conseguia avistar nenhuma criatura ou ser humano, mas conseguia distinguir alguns burburinhos e lamúrias naquela distância.

Andando um bom bocado, ouviu algo se mexer mais à frente e se levantar do chão, assustando-se mutuamente. Encarava um menininho de cabeça raspada e uma fralda que mais parecia um pedaço de saco de farinha de modelo antigo. De onde se lembrava dele? *Ai meus Deuses*. Era a criatura que lhe empurrou da escada, sem dúvida. Mas ela parecia diferente, tinha feições magras e amedrontadas, com ossos oblíquos sob a pele repuxada, e parecia até... humana.

Olhando o garoto, reviveu inevitavelmente o momento em que foi parar lá, desmaiando logo após cair os degraus da fazenda vertical. De súbito, lembrou-se de fazer uma avaliação rápida de sua própria situação física. Não

estava machucada, mas parecia... acinzentada, talvez. Provavelmente não estava com uma ótima aparência, porque o menino a encarava, boquiaberto, talvez em dúvida se gritava ou fugia.

Ele fez sua escolha e fugiu gritando. Temendo ir parar junto com a pilha de corpos, Amara se escondeu atrás de um dos casebres precários e vazios enquanto um homem acalentava a criança à distância, que por sua vez apontava na sua direção.

Pensou em voltar para o cemitério e dar um jeito de retornar a fazenda, mas algo a atraía até o casarão amarelado. Ele parecia emanar algum tipo de energia estranha, como um arqueólogo que sentia a proximidade de uma grande civilização a ser descoberta. Resolveu prosseguir a caminhada, dessa vez com o cuidado de não ser vista, até a grande casa.

Passou com uma cautela quase exagerada por detrás das barracas. Elas estavam quase vazias, com apenas um ou outro ser humano deitado. Claramente o local estava vazio porque todas as pessoas estavam lá, ao redor do casarão. Mãos se moviam e pessoas se mexiam numa cacofonia de sons e corpos, que bradavam uma espécie de cartão nas mãos após sair do casarão. Escondeu-se atrás de um barraco, deitada, quando duas pessoas vieram em sua direção.

- Eles chama de abarracamento, seu Zé. Mas a negada aí já deu o nome certo. Isso aqui é um curral.

O homem e a mulher eram magérrimos, como cadáveres ambulantes com capacidades vocais. O homem era velho e tinha fala arrastada, parecendo que a qualquer momento podia adormecer.

- Mar é isso aí mermo, Nisa. Tentou ir simbora já? Os homi não deixa não.

A mulher empertigou-se na cadeira parecendo furiosa.

- Pois eu quero é ver quem é que vai mim imbarrerá, ó. Só comer um bocadim a mais de farinha com rapadura e eu e meus menino vamo tá bonzin pra ir de rumo pra mais dentro da cidade.

Amara não conseguia entender nada. Nada daquela situação ou daquelas pessoas parecia fazer sentido. Onde estava? Como foi parar ali? Por quê?

- Faça isso não, dona Nisa. Já morreu metade dos teus menino, além do cumpadi Januário. Daqui só se sai de três jeito: num trem pra tirar borracha, num trem pra morrer na guerra ou num resto de tapeba pra dentro do cemitério.

A mulher, identificada como Nisa, pareceu se apequenar diante da conversa e fitava pensativa o horizonte enquanto batia o cartão na mão. Não parecia ser idosa, mas marcas profundas de idade transpassavam seu rosto. Ela olhava o sol que baixava aos poucos no horizonte, onde só se via mais terrenos baldios e mato.

O tempo começava a esfriar e as pessoas aos poucos se dispersaram do casarão, retornando para os casebres precários. A voz de um homem se destacou na multidão de murmúrios.

- Amanhã tem um trem pra Buriti! Só pode família e mulher com fi maior de idade!

O vozeiro se avolumou com uma energia crescente, em que muitos esbravejavam furiosos. Passos pesados se concentraram acima das vozes, o que aos poucos diminuiu o volume. Amara brechou por entre as casas a tempo de ver diversos homens vestidos com roupas esverdeadas, entrando em conjunto como máquinas autômatas. Portavam objetos ameaçadores nas mãos, similares a algum tipo de ferramenta antiga de guerra que Amara viu na casa do bisavô.

O medo se instalou e as pessoas apressaram o passo para os casebres. O ar era de tensão e terror. Ela também sentiu um pânico se avolumando dentro de si. Como se estivesse passando mal, entrou em um estado quase catatônico. Se sentiu desorientada e caiu desfalecida, no chão empoeirado.

Acordou com tontura e uma dor de cabeça terrível, mas não teve tempo de contemplar muito a própria existência. Estava em meio a um mar de corpos, vivos e mortos, tão ocupados com os próprios problemas que passavam por cima dela sem nem ver.

Sentando e olhando em volta, não pôde deixar de perceber o quanto aquele lugar parecia com sua terra natal, a capital de Xibure, Crato. Porém, nada dos prédios enormes, mercados, lojas ou qualquer outra coisa podiam ser vistas. Ainda estava em meio aquele cenário infernal, em algum lugar além do tempo, com pessoas que pareciam cadáveres ambulantes e cadáveres em longo estado de putrefação.

Dessa vez ninguém lhe estranhou. Todos tinham a mesma aparência bizarra que Amara sentia que estava. Acinzentada, cheia de terra e com o rosto cansado e com olhos arregalados de tensão e terror. Pegou uma mulher ao seu lado pelos ombros em desespero. A mulher quase nem reagiu.

- Em nome de Exu, me diz onde a gente tá.
- Em Buriti, minha fia. Na fila pra morrer.

Uma construção muito similar à de Fortaleza podia ser avistada lá. Sem titubear, começou a se imprensar entre as pessoas, forçando a passagem. Quase não houve resistência. Alguns se afastaram sem reclamar, outros caíam no chão, como se já estivessem próximos de cair, de um modo ou de outro. Pessoas cheias de pústulas borbulhosas e estouradas tossiam e se contorciam no chão da passagem, enquanto Amara, afobada, apenas passava por cima. Finalmente chegando ao casarão, pôde ler algumas placas em português arcaico que estavam afixadas nas colunas.

*Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
Campo de Concentração de Buriti
Novembro de 1932*

Não podia acreditar no que estava escrito. Leu uma, duas, tantas vezes que as palavras ficaram gravadas na sua memória. Não encontrara o silo...

porque ele ainda não existia. Olhou com uma nova atenção para o estado do local. Próximo a ela, um homem recolhia corpos pequenos e magricelos, adicionando com pouco respeito o conteúdo em sudários grossos de estopa anexados a um pau.

Tudo começou a passar sem pressa, como em câmera lenta numa viagem construída por ervas. Além da multidão, via mais corpos flagelados, mais casas precárias cobertas de folhas, e uma estrutura central, como uma cadeira de madeira também estava no local.

Sentiu alguém se aproximando demais do seu rosto. Era uma pessoa alta ou ela estaria de joelhos? Não saberia dizer. Sentia seu corpo adormecido, a boca seca e a sensação de um vazio imenso, apesar da aglomeração. Seus olhos conseguiram enquadrar de modo torto uma menininha pustulenta e suja. Não sentiu nojo ou repulsa, não dessa vez. Sentiu, em vez disso, uma enorme conexão com a criança, como se fossem uma só voz, mente e alma

Agora você entende. Era como se a criança falasse sem verbalizar, como se fosse dentro de sua cabeça, como se fosse ela mesma falando. *Não queria te machucar. A gente só queria comer.* A garota colocou a mão na testa de Amara, que sentiu seu corpo em um repuxo firme e nauseante de volta para algum lugar.

-x-

Dois meses depois

A cor já havia voltado ao seu rosto e já via os enormes prédios que habitavam todos os povos do Brasil desde que se lembrava. Sabia de cor a história dos indígenas do centro oeste que deram nome a Xibure, das guerras, do imperialismo para a democracia que veio antes do regime atual. Mas não, pensando agora, não haviam lhe contado nada sobre sua própria história.

Até houve algo relacionado ao fim do costume absurdo de obrigar seus ancestrais a trabalharem até definharem, e que havia iniciado antes mesmo do

país oficializar a lei. Algo sobre Dragão do Mar, o padroeiro da cidade, e mais nada.

Assim que foi resgatada do silo por vizinhos distantes que ouviram o alarme, passou quase uma semana sob cuidados médicos. Pela desidratação e semblante magérrimo com o que foi encontrada, eles disseram que ela esteve mais de uma vez cara a cara com a morte, e ela não podia discordar, de um jeito ou de outro. Passou vários dias em sonda sem falar uma palavra, e as suas primeiras foram recebidas com estranhamento: *chame todos os antigos que puderem.*

Nem esperou sair para mergulhar profundamente na história, tantas eras antes, determinada a atestar a veracidade de tudo que a criança lhe mostrou. A informação estava fragmentada entre antigos arquivos da época do papel e memórias de alguns cidadãos, que as conheciam como lendas.

Os lugares que visitou eram chamados de Campos de Concentração. A linhagem de provavelmente mais de $\frac{2}{3}$ dos xiburenses estava marcada com essas páginas sangrentas. Confirmou também a motivação das visagens. Tinham fome; sem saberem, o prédio foi construído em cima de uma região conhecida outrora como Alagadiço na formação da Antiga Fortaleza. Sua cidade natal não escapava incólume: apesar de não abrigar nenhuma fazenda rosa, o Buriti ostentava diversos encanamentos e caminhos de asfaltechs pras outras regiões.

Depois de dois meses intensos de pesquisa, agora finalmente encarava o silo novamente. Suas luzes róseas características não mais brilhavam, e sim diversas luzes brancas e amareladas comuns. Um grande montante de gente aguardava com expectativa que Amara utilizasse logo a tesoura da sua mão para cortar a grande fita vermelha. Certos rituais acabam atravessando o tempo e o espaço para representar grandes mudanças.

Com um suspiro aliviado, dividiu a fita em dois sob uma salva de palmas dos presentes. Os antigos lhe apertaram as mãos, satisfeito com os trabalhos finalizados no dia anterior. Cada um, com sua religião, fez rezas e cânticos, montaram terreiros e velas, abriram mesas e meditaram.

Oferendas foram deixadas e a esperança geral era que os mortos agora descansassem em paz.

O Memorial Sertanejo da Seca, depois de tantos anos de espera, foi finalmente aberto em Fortaleza. Antes de entrar para as festividades, Amara viu de relance a silhueta de uma mulher acalentando um bebê. Sua pele azeitonada brilhava junto ao seu sorriso sob o sol de Xibure e conseguiu olhar a tempo de se despedir de Amara, dividindo seu olhar com o do horizonte. Se apressou, pois tinha que ir agora. O trem já estava quase passando na estação para lhe buscar e a levar para casa.

O maior período de seca já registrado na história do Ceará ocorreu, em regime intermitente, entre 1877 e 1933. Ao todo, estima-se que mais de 170 mil sertanejos, nomeados de flagelados pelos jornais locais, tenham tentado se deslocar de suas habitações em busca de comida, água e um emprego. O que iniciou como um regime assistencialista acabou como uma forma de limpeza social, um modo que a burguesia encontrou de manter a "terra do sol" com a modernidade e beleza trazida pelo sucesso do algodão. Em 1932 havia sete campos de concentração em funcionamento, chegando no Alagadiço, em Fortaleza, a 1.800 pessoas e mais de 60 mil pessoas em Buriti, no município do Crato. Os campos não eram como os da Alemanha, usados como experimentos científicos, mas sim como uma espécie de experimento social, usado para testar no Brasil uma técnica que já vinha sendo usada em outros países. Apesar da assistência dos governos, as condições do local eram precárias e muitos morreram de fome, tifo, cólera, varíola e mesmo enterrados, jogados em valas antes mesmo de morrer. Com tantos ciclos do presente voltando ao passado, é mais que necessário que a cidade e o país não só aprendam, como também não esqueçam dos sertanejos da seca, que foram inclusive a mão de obra básica da extração de borracha do Acre, da guerra de 32 em SP e das grandes ruas de Fortaleza, além de construções atuais notáveis, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Os números certamente não representam quantas pessoas realmente morreram. Apesar de oficialmente ser mais de mil, há como estimar facilmente mais de cinco mil.